

Botânica Paralela

Meu sábado havia começado de uma forma no mínimo interessante. Meu novo chefe, o “excelentíssimo” sr. Dumas, havia me dado uma pilha de livros para terminar até o final do mês. “Considere treinamento pra lidar com as vanguardas”, ele dizia, “Vai ajudar a abrir seu ‘terceiro olho’”, ele dizia. Quanto mais lia, porém, menos sentia que conseguiria manter aberto o par de olhos que já tinha.

Felizmente, para me salvar de meu absoluto tédio, fui retirada de minha folga pelo meu trabalho. Não meu trabalho com Dumas, meu trabalho como policial.

— Recruta Bordon. — Meu rádio chiava. — Você está ativa?

Não estava, sábado era minha folga. Mesmo assim, tamanha era minha vontade de me livrar de minha tarefa que acabei por confirmar sem pestanejar.

— Requisitamos auxílio. Pode vir à rua Pedro Páramo?

— Estou a caminho — confirmei, um pouco envergonhada de quão animada estava para ver uma cena do crime.

Minha animação, infelizmente, não duraria.

A rua Pedro Páramo era uma daquelas ruas que emanavam uma certa aura de classe. Suas casas não eram mansões espalhafatosas, muito menos monumentos gigantescos ao ego. Tampouco eram os ladrilhos especialmente bonitos, ou as árvores particularmente exóticas. Ela era, porém, extremamente bem-conservada, e

Registros do Meta-Detetive

isso se dava ao fato de abrigar uma figura de renome: a vítima do crime em questão. O escritor M.G. Eco.

Desci da viatura, que fez a gentileza de vir me buscar. Adentrei a casa. Recebi minhas instruções. Analisei as vítimas. Cá estamos.

Sei que essa descrição parece extremamente seca e simplista. Teve de ser assim. Acredite se quiser, esse foi todo o progresso que consegui fazer em todas as três horas que passei confinada ao local do crime.

Náusea.

O sentimento que sentia era a mais pura náusea. Lembrar de uma das vítimas me enchia de náusea. Pensar como uma louca me enchia de náusea. E, finalmente, mais do que tudo, saber que só havia uma pessoa que poderia chamar para meu auxílio me enchia de náusea.

Meia hora depois, na contramão, em um fusca amarelo que só Deus sabe se começou dessa cor, a cavalaria chegava. Augusto Dumas estava no caso.

— Quando soube que tinha a ver com Eco, vim correndo. — Saía de seu fusca, me conduzindo para dentro da casa.

— Bom saber que o senhor tem suas prioridades em ordem.

— Qual é a situação? Quantas são as vítimas?

— Duas. Um homem e uma mulher. Ambos assassinados no quarto do casal. A mulher não mostra sinais de violência. O homem...

Parei por um segundo. A imagem do estado do homem me veio à mente. Meu estômago foi parar na boca, mas me segurei, para manter as aparências. Dumas deve ter lido meu monólogo interno, pois me consolou com um tapinha nas costas e caminhou calmamente até a aglomeração de policiais dentro da casa.

Não, “casa” não é o termo certo.

O casarão não era nenhuma mansão, mas era enorme. Janelas altas, que davam em claraboias no teto, iluminavam salas decoradas com dezenas de plantas. Me contaram, ao menos, que a esposa de Eco era uma engenheira botânica. Quando vi a casa, não tive dúvidas. De certa forma, lembrava uma estufa, mas era grande demais para abafar.

Dois andares, um térreo e um primeiro andar. Cinco suítes, uma biblioteca, uma cozinha gourmet, na garagem uma Ferrari, uma Lamborghini e, talvez a parte mais anormal da casa, um Celta. Poderia continuar, mas acredito que o leitor já tenha

uma ideia da escala de que estou falando. Dumas adentrou o lugar, deu uma breve olhada e se aproximou de uma aglomeração de homens na sala de estar.

— Detetive Augusto Dumas: Investigador paranormal, detetive licenciado e dançarino interpretativo — proclamava, um documento ilegível que era para ser uma licença em mãos. — Qual é a situação?

Um dos homens ali presentes, um baixinho calvo de óculos fundo-de-garrafa, aproximou-se de Dumas.

— Duas vítimas, sr. Detetive: Catarina Eco, esposa do sr. Eco, e um homem que presumimos que seja o próprio.

— “Presumimos”?

— S-sim. O homem teve seu rosto inteiramente deformado. É algo de fazer revirar o estômago. Morreu de traumatismo craniano, supostamente graças ao uso da força bruta.

— E a mulher?

— A mulher morreu de uma dose letal de um espécime da família de plantas *Annonae*. A perícia não pôde identificar qual, especificamente.

— Alguma hipótese?

— Por enquanto nenhuma... O que sabemos é que Eco ligou pedindo socorro hoje cedo de manhã. Quando o time investigativo chegou, não havia sinal do criminoso.

— Agradeço. Agora, onde poderia encontrar os corpos, senhor...

— Guido.

— Certo. Onde poderia encontrar os corpos, senhor Guido?

— Estão ambos no quarto do casal, senhor. O homem no banheiro, e a mulher na cama.

Dumas sinalizou para segui-lo até o primeiro andar, então o fez. Fiquei surpresa, no entanto, com o fato de que o detetive não chegou a entrar no quarto do casal. Em vez disso, entreabria porta por porta do corredor, espiando dentro e depois fechando-as, evitando sempre a porta que daria, de fato, ao quarto.

— O que está procurando?

— Uma biblioteca. Você descreveu no seu monólogo interno.

Desgraçado. E não é que ele estava lendo?

Registros do Meta-Detetive

— Pra quê? Nada ocorreu na biblioteca. Mesmo que tenhamos que investigar, não seria melhor irmos direto ao ponto?

— Jane, a biblioteca de um homem diz muito sobre ele. — Checou mais uma porta, essa finalmente revelando a biblioteca. — É necessário saber que tipo de homem Eco era, e por que alguém procuraria assassiná-lo.

Adentramos a biblioteca de Eco, um quarto enorme, cheio de livros, mas isso você já imaginava. Biblioteca cheia de livros é quase um pleonasma, é óbvio. Mas caracterizo a biblioteca como cheia de livros para ilustrar o pensamento que me veio à cabeça:

— Planeja ler todos os livros daqui?

— Claro que não! A maioria eu já devo ter lido. O que estou procurando são os livros que ele mesmo escreveu.

— Por quê?

— Porque, antes de morrer, Eco estava para lançar um.

Ali se via a maior qualidade do meu patrão: o conhecimento literário. Em casos cotidianos, evitaria a todo custo chamar Dumas para a linha de frente. Não por falta de habilidade, mas porque seus métodos eram absolutamente inexplicáveis para qualquer um que não tivesse lido o primeiro capítulo. Com um escritor envolvido, a coisa mudava de figura.

— A inveja de um rival ou um desejo pelo manuscrito são ótimos motivos para matar um autor — comentou, perambulando a biblioteca.

— Não existem bons motivos para matar, autor ou não — retruquei.

— Não acho que possa discordar disso sem parecer uma pessoa ruim. Vitória sua.

Topando com a escrivaninha do quarto, Dumas deu de cara com uma máquina de escrever. Ao seu lado, o que havia de ser centenas de páginas amassadas ou incompletas descansavam. Me chamou com um aceno de mão.

— Estão todas em italiano. — Apontei. — Eco é um nome bem italiano, ele era de lá?

— Sim, sim, ele e sua esposa... Mas é estranho... Eco costumava escrever em português...

Enquanto Dumas fitava as páginas, percebi algo interessante sobre a própria escrivaninha:

— Sr. Dumas, olhe! — Aponte! — Migalhas de pão!

— Migalhas? — Dumas pegou uma em suas mãos. — Será que Eco comia enquanto trabalhava?

— Não só migalhas de pão. Resquícios de verduras na cadeira, queijo no chão, embalagens de doces...

— Está querendo dizer o quê? Que assassinaram um “P.F.”?

— Estou dizendo que tem restos de várias refeições aqui. Eco deve ter se fechado no quarto por dias...

— Faz sentido... escritores têm processos criativos extremamente exóticos...

Assim que terminou a frase, Dumas voltou seus olhos às páginas amassadas por alguns segundos. De repente, sua cabeça deu um sobressalto, bateu numa prateleira e derrubou alguns globos de neve festivos.

— É isso, Jane! — exclamou, sendo atingido na testa por um Papai-Noel voador.

— O senhor descobriu algo? — perguntei, arrumando os enfeites assassinos.

Ele tirou da mesa uma página, com uma velha ilustração, que lembrava algum tipo de planta.

— O que tem de especial nessa página?

— Não está vendo? Tá ilustrada!

— E o que tem isso?

— Jane, eu vou fingir que você escreveu um texto na sua vida e vou te perguntar: Como você colocaria uma ilustração num texto?

— Acho que daria pra fazer isso num computador.

— Mas Eco usa uma máquina de escrever, então...

— Então a página é de outro livro! Um que já foi editado!

— Correto! Alguém espalhou essas páginas sobre a mesa pra sumir com o projeto de Eco! O que quer que tenha ocorrido, alguém teve tempo de substituir o livro por um falso!

— Acha que o criminoso roubou o manuscrito?

— Acho que Eco fez isso.

— Hã? Por que ele faria algo assim?

— Porque se o assassino só queria o manuscrito, não tinha por que deixar um falso. Ele já matou duas pessoas, não é como se o roubo do manuscrito fosse

Registros do Meta-Detetive

aumentar muito sua pena. — Analisava as páginas na mesa, com sua lupa comicamente clichê. — O que parece é que o próprio Eco sabia que algo aconteceria com ele e foi esconder o manuscrito.

— Acha que o trabalho original está misturado com o falso?

— Acho que não... a única página que não parece ser impressa é essa. — Apontou para uma dedicatória, escrita em caneta, também em Italiano.

— O que diz?

Antes que pudesse me responder, o detetive foi interrompido pelo grito de raiva estridente de uma mulher. Meteu o papel no bolso, e corremos para o quarto do casal, a origem do grito, para presenciar uma mulher ruiva de uniforme extravasar uma quantidade sobrenatural de ódio sobre Guido. Consegui identificar as palavras “incompetência” e “preguiça”, dentre algumas outras que prefiro não relatar.

A mulher se virou de repente para nós, direcionando sua raiva momentaneamente para longe de Guido, que agradeceu com um olhar.

— Ah! Olhe quem finalmente decidiu se juntar a nós! Vocês se divertiram brincando na biblioteca enquanto tem corpos *apodrecendo* no aguardo?

— É uma biblioteca, é claro que nos divertimos — retrucou Dumas, de uma forma que pra ele, mas ninguém mais, deve ter sido sagaz. — A propósito, quem seria a senhora?

— Sou a sargento Pepper Spinosa. Você não precisa se apresentar, conheço sua corja.

— Nos salva algum tempo. Agora, Peppe-

— *Sargento* Pepper — sublinhou.

— Certo. *Sargento* Pepper — prosseguia, inabalável. — Estou aqui, e também está aqui minha assistente. Não percamos mais tempo do que eu já os fiz perder e vamos direto ao ponto.

— Quanta consideração da sua parte, Dumas. Agora, pode dar às vítimas o ar de sua graça?

Dumas assentiu e pôs-se a examinar as vítimas, começando pela mulher.

Catarina Eco era uma mulher extremamente vivaz para a idade que tinha. Tinha uma beleza elegante que se espera da alta sociedade. Uma beleza, de certa forma, sedimentada pela cena de sua morte. Sem sangue, sem ferimentos, sem sinais

de luta, apenas uma mulher descansando quietamente, vestindo sua lingerie mais cara que minha casa, em seus lençóis mais caros que minha vida.

— Absolutamente nada — concluiu. — Essa mulher só pode ter morrido envenenada oralmente. Seu corpo não possui um único machucado.

— É sério? Você demora meia-hora numa biblioteca pra nos dizer o que já sabemos? — A sargento o repreendia, com uma satisfação interna que só as pessoas que lidam com Augusto Dumas podem entender. Dava pra sentir.

Meu chefe não respondeu, apenas se dirigiu ao banheiro para examinar o corpo do homem. Não o seguiu. Me lembrava bem do estado daquele pobre coitado. Largado no box do banheiro, ensanguentado, seu rosto esmagado no canto da pia de mármore.

Não demorou para Dumas retornar do banheiro, novamente dizendo só o que a perícia já havia averiguado, para o deleite da sargento. Dumas, porém, mantinha-se focado.

— Sargento, eu gostaria de lhe pedir um favor.

— Um favor? UM FAVOR?! Ora, eu nunca-

— Tenho uma ideia de onde esse caso pode ir. Gostaria de requisitar o auxílio de investigadores do seu time.

Por um segundo, a sargento pensou em gritar com Dumas. De novo, dava pra sentir. No entanto, se conteve.

— Lhe darei um especialista — disse.

— A-agradeço. — Até mesmo Dumas parecia chocado com sua complacência. — O que causou essa mudança?

— Mudança? De forma nenhuma. Estou fazendo isso porque sei que será uma perda de tempo e dinheiro. — Sorriu. — Ouvi falar de você, Dumas. Sua incompetência o persegue. Pretendo ter a honra de escrever o relatório que vai enterrar sua carreira, seu charlatãozinho de quinta.

— Falou como uma verdadeira personagem recorrente — riu o detetive.

— Uma o quê? — suspirou, cansada. — Dane-se. Detetive Johnson, vá com ele.

Um homem alto e moreno deu um passo à frente, e Dumas nos levou para fora do quarto. Guido foi junto, mesclado no grupo, para evitar a ira da ruiva.

Registros do Meta-Detetive

Descemos a escadaria e chegamos à cozinha da casa, onde o detetive começou a explicar sua teoria.

— A finada sra. Eco era uma botânica. Fui informado que o veneno utilizado era de origem vegetal.

— Onde quer chegar? — Johnson se pronunciou.

— Não vê a quantidade de plantas espalhadas por essa casa? O veneno pode muito bem ter vindo de uma delas.

— É claro! — exclamei. — A cozinha pode ter sido o local de preparo do veneno! Talvez até mesmo posto na comida!

— Brilhante, senhor Dumas! — aplaudia Guido.

— Estou vendo o que quer dizer. — Sorria Johnson. — Não sei como negligenciamos essa possibilidade.

Sem perder tempo, nós quatro começamos a procurar com ânimo. Reviramos cada talher, cada erva, cada planta, cada aparato de cozinha.

Nada.

Absolutamente nada.

Após algumas horas de busca, Johnson desistiu. Guido seguiu logo atrás. Eu, admito, também parei. O tempo que havia passado no casarão começava a pesar em mim. Deixei Dumas procurando, e fui comprar o almoço. Fui e voltei, Dumas ainda estava lá.

— Eu não entendo... — disse, cabisbaixo. — Temos um motivo, que é o manuscrito, mas não temos suspeito, arma do crime nem meio!

— Ei. — Eu lhe entregava um sanduíche. — Você não pode ganhar todas.

— Claro que eu posso, eu sou o protagonista.

— Protagonista sou eu, você é no máximo meu mentor — ri, abocanhando meu próprio sanduíche. — Cruzemos os dedos pra você não morrer tragicamente. Tipo um Jiraya.

— Número um: o nome da novel é *minha* alcunha. — Dava dentadas em seu lanche. — Número dois: se você fizer mais uma referência a um mangá eu vou defenestrar seu sanduíche.

— Se contente com o seu!

— O quê? Não! Defenestrar não é comer, é jogar pela janela!

— Como eu ia saber? Eu peguei pelo contexto!

Dumas arregalou os olhos de repente, largando seu sanduíche no chão. Rapidamente, ele me agarrou pela gola da camisa, eufórico.

— Jane! — gritou, de repente. — Seu telefone tem uma internet dentro, né?

— “Tem uma internet dentro”?

— Ele tem ou não tem?!

— Tem, tem.

Numa fração de segundos, Dumas agarrou meu telefone e pôs-se a pesquisar, frenético. Sorriu largamente, me puxou pelo braço e correu à biblioteca, gritando:

— TODOS PARA A BIBLIOTECA! É URGENTE! ABSOLUTAMENTE URGENTE!

Rapidamente, todos os policiais direcionaram sua atenção para o maluco que freneticamente conduzia uma policial pelas escadas, e decidiram fazer a coisa sensata e segui-lo. Uma vez que não se fazia ausente uma única pessoa, dito maluco trancou a porta atrás de si.

— O que significa isso, Dumas? — indagou a sargento.

— Simples, *senhorita* Pepper — enfatizou o “senhorita”. — É necessária a presença de todos os policiais do recinto nesta sala...

— Poderia lhe perguntar por quê?

— Por quê? Ora, porque o assassino está escondido nesta biblioteca conosco.

Houve um estardalhaço. Vozes amalgamadas sussurravam para lá e para cá. Seria verdade? Haveria um assassino na sala?

— Ao menos tem como provar isso? — A sargento quebrou o tumulto com sua voz poderosa.

— Com todo prazer. — Apontou para a escrivadinha. — Naquela escrivadinha está o que um detetive menos apto perceberia como o trabalho incompleto de Eco. O que, na verdade, são páginas de outro livro, colocadas aí para afastar suspeita. Notem as ilustrações impossíveis de ser colocadas em uma máquina de escrever.

Alguns policiais examinavam as páginas, sussurrando. Um olhar da sargento os calou. Dumas prosseguia.

— Agora, por que um autor que estava para lançar um livro o esconderia dentro do conforto de sua casa? Porque ele sabia que algo aconteceria, é claro, e queria evitar a perda do manuscrito.

— E no que isso nos ajuda?

Registros do Meta-Detetive

— Simples: se ele queria manter o manuscrito seguro, por que não o mandar a alguém de confiança? A resposta é que ele planejava buscar o manuscrito ele mesmo!

O estardalhaço recomeçava, os policiais, chocados, não se continham. Nem eu me contive. Pelo menos não até a sargento gritar novamente um estrondoso "SILÊNCIO".

— Esse seu conto de fadas está muito bom, Dumas. — A sargento começava a perder a paciência. — Mas Eco está morto! Fechou o paletó! Bateu as botas! Como um homem morto iria buscar um manuscrito?!

— Ah, qual é, sargento! — Abriu um sorriso. — Essa reviravolta é muito óbvia. Eco não está morto, Eco é o assassino.

O estardalhaço voltou mais alto do que nunca. A sargento atirou com sua pistola no teto. Ainda me impressiono com a capacidade dessa mulher de calar bocas.

— Se Eco não está morto, quem é o corpo no banheiro? — perguntei, temendo que a raiva da sargento, que agora estava confirmada como armada e disposta a atirar, pudesse ocasionar a morte do meu chefe.

— Um amante da Sra. Catarina Eco.

— Um amante?

— Sim! Não sei se se lembra, Jane, mas a narração descrevia três carros na garagem: uma Ferrari, uma Lamborghini e um Celta. Mesmo que Eco tivesse o capital para comprar três carros, por que haveria uma diferença de valor tão grande entre os três?

— Então sugere que...

— Sim! Um carro pertencia a Eco, um à sua esposa, e um ao amante.

— Não poderia ser uma visita? Como um amigo ou um técnico de televisão?

— Pensei nisso, mas algo me dissuadiu da ideia. A Sra. Catarina morreu de lingerie, que certamente não são roupas de receber visitas comuns. Também não faz sentido o assassino ter entrado com o carro, já que a falta de provas de arrombamento sugere que o deixaram entrar.

— Isso fica cada vez mais complicado...

— Então deixe-me dispor a cena: Eco, nervoso para completar sua obra, passa semanas, talvez *meses* confinado em sua biblioteca, como confirmado pela quantidade de restos de comida espalhados pelo chão e pela escrivaninha.

Dumas caminhava até a escrivaninha, delineando os restos com sua lupa totalmente clichê, porém não totalmente inútil.

— Sua esposa se sente ignorada e arranja um amante para lhe dar atenção. Eco sabe disso, mas persiste tentando escrever. A raiva o impede. O estresse se acumula, até que um dia, BAM! — Dumas sinalizou uma pancada no ar. — Ele mata o amante de sua esposa, que presencia o ato, então ele a mata também, para não deixar testemunhas. Para sair impune, Eco chama a polícia como se fosse ele mesmo a vítima, se esconde na casa e espera a poeira baixar para fugir com seu trabalho.

— Mas você só pode provar isso encontrando ambos, Eco e o manuscrito! — gritou a sargento, antes que mais alguém pudesse.

Dumas sorriu, arrastou o dedo por uma prateleira, tirou dela um livro e o abriu. Dentro, papéis soltos cheios de correções, pontuações erradas e notas de rodapé. Um autêntico manuscrito.

— Achar o manuscrito foi muito simples. Bastou apenas procurar um livro velho, em italiano, sobre plantas e que tivesse ilustrações bizarras. — Mostrou a capa do livro. — O único livro desta biblioteca que se encaixa nesse molde é “La Botanica Parallela” de Leo Lionni! O livro cujas páginas estão espalhadas na escrivaninha!

— Espere um pouco! — intervi. — A esposa de Eco era uma engenheira botânica italiana, como, entre tantos livros de botânica em italiano, você determinou esse?

— Por causa disso! — Dumas retirou de seu bolso a dedicatória que estava entre as páginas na escrivaninha. — Esta dedicatória foi escrita pela esposa de Eco para ele. “La Botanica Parallela” não é um livro sobre botânica real, é um glossário de plantas imaginárias. Catarina deve ter dado como um presente que unia os interesses de ambos, e as memórias ligadas ao livro o fizeram escolhê-lo para esconder o manuscrito.

— Mas e Eco? — indaguei. — Onde ele está?

— Já falei. Eco está conosco nesta sala.

Registros do Meta-Detetive

Dumas pôs o livro alterado nas minhas mãos e pôs-se a andar em círculos, suas mãos nas costas, sua voz retumbante.

— Não acham estranho um time de policiais não ter identificado um homem ensanguentado e desfigurado por um exame de sangue? Digitais? Nada foi feito! Apenas confiaram que era Eco pelo **contexto**.

Dumas continuava seu discurso triunfante, cada vez mais enérgico.

— Por que um alguém que mata uma vítima violentamente mudaria de método para matar a outra poucos instantes depois? Esse detalhe foi ignorado, porque envenenamento cabia no **contexto**!

Dumas puxava um celular. Meu celular. Nele, estava a foto de uma pinha.

— A família *Annonae*, a origem do suposto veneno, é a família da pinha! A mulher foi morta sufocada violentamente por uma pinha, que foi alojada à força em sua garganta! “Uma dose letal”, porque uma pinha inteira, *Annona Squamosa*, na garganta de uma mulher seria uma dose letal! Presumimos um veneno pelo **contexto**!

Sua trajetória havia mudado. Já não andava em círculos, andava na direção da aglomeração de pessoas, que se afastava.

— “Sargento Pepper”! “Detetive Johnson”! Todos os policiais apresentados tiveram seus cargos dispostos antes dos nomes! Exceto por um, que presumimos ser um policial pelo **contexto**!

Seu dedo indicador apontava para uma pessoa dentro da multidão. Me virei para ver. Arregalei os olhos.

— Não é mesmo, Guido? Ou deveria lhe chamar de “Martín Guido Eco, usuário da Vanguarda da Zeugma”?

Guido suava frio. Suas mãos temiam. Seus dentes batiam. Sua pele empalidecia e seus olhos se reviravam. Tentou se explicar. Sua boca se abriu. Nada saía. Lhe faltava ar. Estava zozzo. Cambaleou para trás e, finalmente, desmaiou.

— M-mas o quê? — A sargento segurou o corpo de Guido nos braços.

— É absolutamente elementar! A habilidade de esconder partes de um texto que podem ser inferidas, corretamente ou não, pelo contexto. Essa era sua habilidade! Eco se disfarçou como um policial à plena vista, mudando o texto para fazer o leitor e, portanto, os personagens, partirem do pressuposto de que ele era um!

— C-calma, o quê?! Como?! — gritava a sargento, estupefata.

— Considere, sargento, a frase “Eu gosto de sorvete de morango, Jane gosta de chocolate”. Está implícito que o “chocolate” é o sorvete. Mas e se Jane gostasse apenas do doce chocolate? Você cometeria um erro em presumir pelo contexto.

— C-chocolate?! Sorvete?!

— “A habilidade de usar o contexto para fazer o leitor tirar conclusões. Contra a lógica e contra a realidade, desde que sirva num contexto, vai parecer verdade”. Essa é a Vanguarda da Zeugma!

A sargento estava ofegante, a gritaria tinha recomeçado. Trocava o olhar entre o corpo em suas mãos, o livro nas minhas e Dumas, que sorria seu sorriso habitual, daqueles que convoca um instinto primal de descer-lhe o cacete, comentou:

— Agora... vamos aos meus honorários?

— Honorários? — estranhei.

— Meu pagamento.

— Pagamento?

— É, eu não faço isso pela paixão, minha filha, eu sou um detetive particular.

Você me chamou, então alguém tem que me pagar.

— Eu sou sua estagiária!

— E é exatamente por isso que eu vou te dar o “Desconto família e amigos”.

Quinze por cento e sem juros, pegar ou largar.

— Faça por exposição...

Ele arrancou o livro com o manuscrito de minhas mãos e colocou-o sob seu braço direito.

— Vou ficar com o livro, então. Isso deve cobrir.

— Sr. Dumas, isso é, tipo, super ilegal.

— Mando a conta pra você, então?

Considerarei as opções por alguns segundos.

— Leva.

— Levo mesmo.

— Esperem! — entreviu Johnson. — Vocês não podem levar, isso é evidência!

— Johnson, se algum dia você ganhar relevância você vem buscar, beleza?

E com Johnson devidamente silenciado, o livro surrupiado, e um geriátrico desmaiado no chão, Augusto Dumas e eu terminamos mais um dia de trabalho

Registros do Meta-Detetive

quase-semi-meio-que-bem-feito. O detetive destrancou a porta, preparando-se para sair, vitorioso.

— Espere! — A sargento gritava, nervosa e confusa. — “Vanguardas”?! “Habilidades”?! “Contexto”?! Como diabos eu vou colocar isso no meu relatório?!

Dumas respirou fundo e respondeu-lhe sem se virar, caminhando pelo corredor do primeiro andar.

— Não faço ideia. Mas, se não descobrir, esse relatório não fará muito mal à minha carreira.